

Educação Infantil em Pauta

CINCO ENTREVISTAS ESSENCIAIS PARA EDUCADORES



FUNDAÇÃO
MÁRIA CECÍLIA
SOUTO VIDIGAL
PELA PRIMEIRA INFÂNCIA

SUMÁRIO

02

APRESENTAÇÃO
Desafios e avanços da educação infantil brasileira

03

ENTREVISTA 1
O que a creche deve garantir para oferecer educação de qualidade? - *Beatriz Ferraz*

07

ENTREVISTA 2
Vínculo e “bate-bola”: essenciais para a educação infantil - *Daniel Santos*

10

ENTREVISTA 3
Por que não conseguimos acolher todas as crianças na educação infantil? - *Cleuza Repulho*

12

ENTREVISTA 4
As 5 qualidades e as 5 fragilidades da educação infantil brasileira - *Claudia Costin*

15

ENTREVISTA 5
Uma escola onde a criança tem vez, voz e a família por perto - *Cibele Racy*

18

CONTINUE CONOSCO
Os desafios da educação infantil brasileira - *Daniel Cara*

Apresentação

Desafios e avanços da educação infantil brasileira

Uma das áreas essenciais ao desenvolvimento infantil é a educação. Por meio de interações e aprendizado de qualidade, a criança é capaz de se desenvolver melhor nos primeiros anos de vida. Para a Fundação Maria Cecília, discutir esse tema é essencial, mesmo porque ainda temos muito a alcançar para garantir um dos direitos prescritos nas leis que regem o País, que definem a educação como promotora do desenvolvimento integral do indivíduo, especialmente na primeira infância (período que vai do nascimento aos seis anos).

Por isso, reunimos, neste e-book, cinco entrevistas e um vídeo com especialistas da área para ampliar o debate

e refletirmos, conjuntamente, quais iniciativas podemos realizar para avançar nessa área.

Tudo para que você tenha acesso a dados recentes do cenário da educação infantil brasileira e subsídios para embasar o seu trabalho na creche e pré-escola, reavaliando propostas pedagógicas, materiais didáticos, equipamentos e infraestrutura, profissionais, conhecimentos e práticas voltados a crianças até cinco anos.

Beatriz Ferraz, consultora em Educação Infantil; **Daniel Santos**, pesquisador e economista; **Cleuza Repulho**, educadora e ex-Secretária de Educação; **Claudia Costin**, pesquisadora e ex-Diretora de Educação do Banco Mundial; **Cibele Racy**, educadora e Diretora de pré-escola; e **Daniel Cara**, Coordenador Geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, darão respostas às suas perguntas para que possa avançar no seu trabalho.

O conteúdo não se encerra aqui. No *acervo digital da Fundação Maria Cecília* e no *blog Desenvolvimento Infantil*, você acessa mais informações deste e de outros temas relevantes sobre primeira infância.

Boa leitura!





Beatriz Ferraz

O que a creche deve garantir para oferecer educação de qualidade?

Nesta conversa, Beatriz Ferraz, consultora da Fundação Maria Cecília, fala sobre os desafios da creche e pré-escola para garantir a toda criança um serviço de qualidade, dando algumas dicas de como isso pode acontecer.

Fundação Maria Cecília – A educação infantil é realmente um direito? Quando isso foi estabelecido?

Beatriz Ferraz – A educação infantil conquistou um cunho legal quando ficou expresso na Constituição Brasileira o direito à educação, por meio do atendimento em creches e pré-escolas. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394 de 1996), essa fase do

ensino foi inserida, definitivamente, no capítulo educacional brasileiro, configurando-se como a primeira etapa da educação básica, saindo do guarda-chuva da Assistência Social. Desde então, o acesso à creche e à pré-escola vem, sucessivamente, sendo ampliado. Só entre 2008 e 2014, as matrículas em creche tiveram aumento de 65,1% (MEC/Inep) e o Plano Nacional de Educação (PNE/2014) determinou a todos os municípios a meta de universalizar, até 2016, o atendimento de pré-escola. É preciso, porém, atentar para o fato de que o desafio da qualidade frente à ampliação de matrícula tem sido um elemento fundamental para a validade da política atual.

FMCSV – Você acha que estamos longe de garantir essa qualidade?

BF – Pesquisas recentes têm mostrado que a qualidade do nosso atendimento, principalmente em creches, está baixa. Para agravar a situação, tais pesquisas também evidenciam que creches de baixa qualidade impactam o desenvolvimento infantil de forma prejudicial. Sabemos que o atendimento em creche tem um potencial transformador na vida de famílias e crianças em condições de alta vulnerabilidade, podendo, se garantida a qualidade, favorecer o potencial dessa criança para que alcance seu desenvolvimento pleno na primeira infância. Além disso, os impactos positivos desse segmento trazem resultados no curto, médio e longo prazo na formação de um cidadão e no exercício pleno de sua cidadania.

FMCSV – O que a proposta educativa da creche tem de considerar para garantir essa qualidade?

BF – Basicamente, proporcionar um ambiente suficientemente bom, com previsibilidade, regularidade e a confiança, princípios que favorecem aos pequenos o sentimento de segurança, necessário à sua sobrevivência e ao amadurecimento saudável. A previsibilidade e a flexibilidade são princípios fundamentais na organização da rotina. A flexibilidade implica, por sua vez, considerar que é preciso se acomodar

às necessidades das crianças, compreendendo, por exemplo, que a rotina de cuidados pode estar intercalada com os demais acontecimentos do dia. Nesse sentido, gosto da proposta de rotina do modelo educacional de High Scope, no livro “Educação de Bebês em Infantários” (2004, Hohmann e Post). Eu a estudei para minha tese de doutorado e fiz observações a respeito.

- Entrada/saída: receber e despedir-se das crianças individualmente, mesmo que brevemente; reconhecer sentimentos das crianças e dos pais no momento da separação e encontro; respeitar os “rituais” de cada criança; respeitar o ritmo da cada criança para se despedir; comunicar pais e crianças sobre chegadas e partidas; trocar informações com os pais; apresentar o espaço e a equipe de educadores aos pais e crianças.

- Refeições (almoço, lanche, suco): segurar os bebês que ainda mamam no colo e estar atenta a eles; valorizar as iniciativas das crianças de comerem sozinhas (participação progressiva); sentar-se junto às crianças na mesa para comer; incorporar o caráter cultural e de relação social que as refeições têm em nosso contexto; criar ambientes tranquilos, relaxantes, estáveis e contextos comunicativos e de diálogo entre crianças e educadoras; respeitar os ritmos e as preferências das crianças; respeitar os horários; adequação do espaço e mobiliários; apresentar

a comida de forma atraente;
envolver as crianças na tarefa de pôr e tirar a mesa; trocar informações com as famílias.

- Cuidados pessoais: integrar os cuidados corporais na exploração e brincadeira das crianças; centrar-se em cada criança durante a rotina de cuidados; proporcionar à criança algumas escolhas; encorajá-la a fazer coisas sozinhas ou participar ativamente destas situações; favorecer o estabelecimento de uma relação de confiança e segurança entre educadora e criança; considerar o desfralde um processo de aprendizagem; favorecer a construção de hábitos de higiene; incentivar as crianças a cuidarem de seus pertences pessoais.

- Sono/descanso: respeitar as

necessidades de descanso de cada criança, mesmo que haja um horário comum para tal; ajudar as crianças a se acalmarem para dormir; proporcionar alternativas sossegadas para as crianças que não dormem; respeitar as diferentes formas e ritmos de despertar das crianças; respeitar as diferenças entre as crianças para adormecer; organizar o espaço de forma confortável e aconchegante; ajudar as crianças a aprenderem a dormir sozinhas; convidá-las a fazer pequenas ações de forma autônoma.

- Atividade de livre escolha: estar atento às crianças enquanto exploram e brincam, observá-las; ajustar as ações do educador às ideias e indicações das crianças; brincar junto; ampliar suas ações com os materiais; comunicar-se



Sabemos que o atendimento em creche tem um potencial transformador na vida de famílias e crianças em condições de alta vulnerabilidade, podendo, se garantida a qualidade, favorecer o potencial dessa criança para que alcance seu desenvolvimento pleno na primeira infância.”

com as crianças; apoiar e estimular as interações entre as crianças; resolver os conflitos que surgirem entre as crianças sem atribuir juízo de valor às suas ações; estimular as crianças a participarem da arrumação do espaço; ajudá-las a fazer escolhas; favorecer relações entre

coisas que já fizeram e que podem fazer; arrumar o espaço de forma organizada e convidativa; diversificar as propostas; garantir propostas diferentes: livros, blocos para empilhar, potes de tamanhos variados, jogos com portas de abrir e fechar, jogo simbólico (bonecas, banheiras,

paninhos, panelinhas etc.), móveis, cabanas, mordedores, caixas de papelão, jogos de encaixe, garrafas com líquido colorido, tapetes ou painéis, materiais que convidem ao movimento, bolas pequenas, animais ou carrinhos com rodinhas, espelhos, etc.

- Atividade em área externa: proporcionar materiais diversos para as brincadeiras e explorações das crianças (areia com potes de tamanhos variados e pás, bolas grandes ou pequenas, chuva de bolinhas, bambolês, material para fazer bolinhas de sabão, giz de lousa para desenhar no chão, motocas, percursos, correr, pular, escorregador, gira-gira e balanço pequenos, água, jogos simples de pegar ou esconder etc. – alguns dos materiais propostos na livre escolha também podem ser levados para a área externa); observar a natureza (animais e plantas); estimular as crianças a participarem da arrumação do espaço.

- Atividade de grupo: proporcionar experiências que as crianças participem ativamente e sejam significativas; escolher materiais

adequados; fazer comentários sobre o que as crianças fazem; interpretar as ações e comunicações das crianças; estar atenta às crianças para saber a hora de encerrar; proporcionar experiências variadas: música (instrumentos, cantar, dançar, ouvir); movimento (percursos, jogos corporais, brincadeiras de roda); exploração do meio físico e natural (melecas, tinta – variar cores, espessuras, posições, coletivas ou individuais, materiais – massinha, receitas, cuidar da horta ou algum bicho de estimação da escola, brincar com água e potes de diferentes tamanhos); apresentação de novos jogos, brinquedos/brincadeiras e materiais; rodas de conversa (compartilhar a rotina, ver quem veio e quem faltou, olhar fotos das crianças); convidar familiares para ensinar algo ao grupo, ler ou contar histórias.

Mas a educação infantil não é só materiais adequados, rotina, atividades. Ela precisa de profissionais que criem uma interação responsiva com a criança. Confira o que isso significa, na próxima entrevista.

Beatriz Ferraz é Psicóloga e Mestre em Educação pela PUC/SP.





Daniel Santos

Vínculo e “bate-bola”: essenciais para a educação infantil

O economista Daniel Santos tem opiniões claras sobre o que a criança precisa na creche e pré-escola, como o educador deve se relacionar com ela, porque o brincar é importante e de que forma os pais podem participar da formação escolar de seus filhos.

Fundação Maria Cecília – Antes de qualquer coisa, pensando no que todos têm de saber sobre uma primeira infância saudável: qual a sua mensagem para aqueles que convivem com a criança, família e profissionais?

Daniel Santos – É importante que todos tenham em mente que a criança precisa de um ambiente seguro para se desenvolver. Um espaço em que ela se sinta livre a explorar e interagir, em casa, na escola ou em qualquer

outro ambiente. Crianças que vivenciam continuamente situações e ambientes conturbados, permanecendo em constante estado de alerta para garantir sua sobrevivência, são expostas ao estresse tóxico. Essa realidade compromete a construção da arquitetura do cérebro e “desvia” energias que ela deveria usar para desenvolver outras capacidades, essenciais à sua vida.

FMCSV – Qual o papel do adulto na prevenção de situações que gerem esse tipo de estresse?

DS – O adulto protege e inspira. Para exercer esse papel é imprescindível o vínculo. Sabemos que a criança tem várias predisposições para a formação de sua personalidade, incluindo as de natureza genética, mas o ambiente influencia a realização desses potenciais, especialmente por meio da interação com outras crianças e com os adultos, que se tornam, para ela, modelos e referências de comportamento e reação. Não nascemos com esse vínculo. Ele precisa ser construído para que a criança se sinta segura.

FMCSV – Na educação infantil, esse vínculo é uma realidade?

DS – Infelizmente nem sempre. Sabemos que a maioria dos educadores gosta das crianças, que as ama, mas esse sentimento não pode ser demonstrado apenas no carinho e nos cuidados de alimentação e higiene, por exemplo. Falta a responsividade. A criança, quando se expressa, espera um retorno. Se ela diz ou faz algo, aguardando a reação do adulto, e este não corresponde, porque está preocupado com uma atividade ou em olhar outras crianças, acaba causando uma frustração que repercute no desenvolvimento infantil.

FMCSV – Quais outros entraves você tem detectado na sua experiência com as escolas de educação infantil?

DS – O primeiro problema é a rotatividade de cuidadores

e educadores. Nem bem a criança está se adaptando a um adulto, ele é substituído por outro. O gestor da escola precisa estar atento a essa troca, porque prejudica a formação do vínculo. Outra questão é o que a escola oferece. A criança gosta de explorar o mundo, é importante para ela. Então, é preciso que isso aconteça por meio de materiais que são disponibilizados na creche ou pré-escola, para que ela crie e teste suas hipóteses. Não adianta ter brinquedo guardado no armário. Também há o problema de muitas crianças por sala. O adulto responsável acaba se identificando com uma ou outra criança, normalmente mais sociável. As tímidas, retraídas, que muitas vezes vêm de ambientes vulneráveis, ficam esquecidas e são elas que mais precisam desse vínculo. Ou seja, a creche muitas vezes ajuda a ampliar uma desigualdade.

FMCSV – Você acredita que existam muitas diferenças entre a creche e a pré-escola no Brasil?

DS – Sim. As pré-escolas estão a um passo adiante. Em uma boa parte, as creches ainda são lugares onde a criança é deixada enquanto os pais trabalham. Vi muitas em que a criança é colocada na frente da TV ou cada uma em seu berço durante todo o dia, porque alguns pais e educadores acreditam que o melhor para ela seja evitar se sujar ou ser mordida por outra criança. Os pequenos precisam se relacionar. É importante ensinar por que não se deve morder, mas sem impedir

o contato. Para outra parte dos educadores, essas práticas são cômodas, porque não exigem disponibilizar um tempo para elaborar atividades. No entanto, isso contribui pouco ao desenvolvimento infantil.

FMCSV – Você tem um amplo trabalho sobre a importância das competências socioemocionais para o desenvolvimento das pessoas. Como elas podem ser estimuladas nos primeiros anos de vida?

DS – Responsividade e afeto são importantes para apoiar o desenvolvimento socioemocional e cognitivo da criança. A diferença é que as competências cognitivas (intelectuais) precisam ser constantemente alimentadas ou acabam por se perder, dependendo de um esforço que transborda o período da educação infantil. Já as melhoras nas competências socioemocionais

ocorridas nessa fase tendem a perdurar por toda a vida. Não existem atividades específicas que desenvolvam as socioemocionais. Normalmente são as mesmas que atuam nas competências cognitivas. Há currículos que estimulam a cooperação por meio da leitura compartilhada, por exemplo. Na educação infantil funciona muito usar as dramatizações, quando a criança encara papéis e se expressa por meio deles.

Embora existam mais creches nos últimos anos, elas ainda são insuficientes para toda a demanda de crianças que precisam de vagas, como você verá na próxima entrevista.

Daniel Santos é Doutor em Economia pela Universidade de Chicago (2008). Atualmente é Professor da Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto), membro do Núcleo Ciência pela Infância (NCPI), Vice-Coordenador do Núcleo de Apoio à Pesquisa em Neurodesenvolvimento e Saúde Mental da Universidade de São Paulo e membro do conselho científico do Edulab 21. Coordena o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Economia Social (LEPES), onde estuda impacto de políticas públicas voltadas à primeira infância e ao desenvolvimento socioemocional no ambiente escolar.





Cleuza Repulho

Por que não conseguimos acolher todas as crianças na educação infantil?

Nada melhor do que fazer esta pergunta a alguém que já esteve à frente de uma Secretaria de Educação.

Fundação Maria Cecília – A oferta de escolas para a faixa de 4 e 5 anos é um grande desafio para os municípios, já que são eles os responsáveis por criar vagas, oferecer transporte, merenda, dentre outros recursos. Para você, que já foi Secretária Municipal de Educação, quais são os grandes obstáculos para o cumprimento da meta de universalização do atendimento dessa faixa etária, previsto no Plano Nacional de Educação (PNE)?

Cleuza Repulho – Em primeiro lugar, o maior desafio para toda a educação infantil é o financiamento, principalmente com o atraso no Pró-Infância, o que levou a uma

arrecadação menor dos municípios. A complexidade da abertura de novas vagas (que significa construir mais salas, creches e pré-escolas) tem dificultado essa universalização. Hoje o Brasil ainda tem perto de 500 mil crianças, entre 4 e 5 anos, fora da escola. Parte dessas crianças é de alta vulnerabilidade social, outra parte é de crianças com deficiência e outra, ainda, de crianças que moram no campo, onde a infraestrutura é mais complexa e o atendimento mais difícil.

FMCSV – Dados do Censo Escolar 2015 indicam que 3 milhões de brasileiros entre 4 e 17 anos ainda estão fora da escola. Uma das idades mais críticas é a de 4 anos, com 690 mil crianças não atendidas. Ao que podemos atribuir este número?

Apenas à falta de vagas/financiamento ou há outros motivos?

CR – Existem dois principais fatores que contribuem ao não atendimento. Um está relacionado a comunidades em locais de alta vulnerabilidade social. O outro é a geografia da região Norte, onde as distâncias, e principalmente a nucleação das escolas, têm feito com que muitos alunos não consigam sair do seu local de origem e frequentar as escolas, principalmente crianças da educação infantil, por toda a complexidade que envolve o transporte para essa faixa etária.

FMCSV – Os dados do Censo Escolar de 2015 também mostram que as matrículas diminuíram em todas as etapas de ensino, menos na creche, que atende crianças até os 3 anos de idade. Na pré-escola, a redução de matrículas de crianças de 4 e 5 anos foi de 1% em relação a 2014. Foi a primeira queda desde 2011. Não é curioso que, no ano que antecede o prazo para o cumprimento da meta de universalização, tenha ocorrido essa redução? Que análise precisa ser feita deste dado para entendê-lo e superar a queda?

CR – É preocupante esse dado, principalmente porque o Brasil ainda tem crianças nessa faixa etária fora

da escola, diferentemente do ensino fundamental, em que a “quase universalização” foi possível. Agora é primordial abrir os dados por região, depois por estado e por localidade, para que possamos saber onde estão essas crianças e onde essas matrículas diminuíram. Avaliar se elas diminuíram principalmente por conta da arrecadação dos municípios ou por conta do fechamento das escolas, evento significativo que se deu nas regiões Norte e Nordeste, em áreas de alta vulnerabilidade social e rural, onde aconteceram nucleações e as crianças não acompanharam esse processo, sem conseguir chegar às escolas.

Apesar da falta de vagas para todas as crianças, a educação infantil brasileira passou por vários avanços, mas tem muitos desafios pela frente, como enfatiza nossa próxima entrevistada.

Cleuza Repulho é Pedagoga com especialização em Orientação Educacional e Mestra em Educação de jovens e adultos. Foi Secretária de Educação de São Bernardo do Campo, SP.





Claudia Costin

As 5 qualidades e as 5 fragilidades da educação infantil brasileira

Nesta entrevista, **Claudia Costin** faz uma análise do tema, a partir de sua ampla experiência na área da educação.

Fundação Maria Cecília – Vamos começar pelas conquistas. Você pode indicar cinco qualidades da educação infantil que devemos valorizar e fortalecer?

Claudia Costin – Primeiro, vejo uma progressiva conscientização sobre a inegável importância dessa etapa do desenvolvimento da criança (aí incluído o cuidado, a educação e a formação de vínculos) por parte da sociedade. Também tivemos uma expansão da rede de educação infantil e a decisão corajosa do Brasil de garantir que toda criança de 4 e 5 anos esteja na escola, o que

aumenta as chances de sucesso escolar posterior e garante a essa faixa etária o acesso a práticas sociais que serão importantes para a vida. Outro passo importante foi o de passar a avaliar a educação infantil, porque só avaliando é possível detectar o que está ruim e precisa mudar e o que está bom e tem de ser preservado. O País também avançou na fiscalização das creches e escolas particulares, ao capacitar os conselhos municipais de educação que têm essa atribuição. Ainda não se resolveu tudo, mas já mudou muita coisa.

Mais um fato importante é que as pessoas estão se dando conta da necessidade de construir prédios especialmente pensados para essa fase do aprendizado, com espaços e materiais apropriados para o brincar, tão importante nessa etapa. Por fim, mas não menos importante – e um sexto tópico –, a questão da leitura, fundamental para o desenvolvimento da criança não só na creche e na pré-escola, mas, também, nas famílias. A educação infantil tem crescentemente colocado livros ao alcance dos bebês e crianças e trabalhado com os pais a importância de ler em casa.

FMCSV – Claudia, agora é a vez de enumerar as fragilidades.

CC – Temos ainda o problema da falta de equidade. A desigualdade começa cedo. Entre os mais pobres, apenas

22,4% têm esse acesso, enquanto, entre os mais ricos, são 51,2%. E, infelizmente, a despeito da expansão da rede, essa desigualdade aumentou na última década.

A melhor estratégia para enfrentar esse problema é focar a oferta de vagas públicas nos mais pobres, enquanto não há vagas para todos. O Brasil tem um bom cadastro de famílias em situação de pobreza extrema. Devemos priorizar exatamente elas.

Outra questão é a baixa qualidade dos serviços educacionais nessa fase. Fiz muitas visitas em creches em cidades brasileiras e, não raro, as crianças estavam na frente da TV, assistindo a vídeos, sem interação entre elas e entre os adultos, sendo essa a principal atividade do dia. A falta de investimento no preparo do professor é outro obstáculo.



Faltam condições que favoreçam a aprendizagem da criança, que nessa fase se dá basicamente por meio do brincar, e o trabalho do educador e cuidador.”

Em alguns municípios, o pré-requisito para educadores de creches era ter terminado o ensino fundamental como, infelizmente, acontecia no Rio de Janeiro.

Por outro lado, a universidade que forma os professores tampouco os prepara adequadamente para essa

fase. A ênfase está nos fundamentos da educação. Pouco é compartilhado sobre como acontece o desenvolvimento do cérebro da criança nessa fase, como ela pensa e aprende, de que forma ensinar alunos com deficiência ou vítimas de estresse tóxico, eu acrescentaria.

O quarto problema são instalações inadequadas. Faltam condições que favoreçam a aprendizagem da criança, que nessa fase se dá basicamente por meio do brincar, e o trabalho do educador e cuidador. Essas mudanças não exigem grandes investimentos. Podem ser iniciativas simples e eficientes, como manter nas salas livros que a criança possa alcançar, espaços abertos onde possa correr com segurança, brinquedos adequados à proposta pedagógica. Outra questão é a da falta de um currículo para a etapa, que especifique expectativas de aprendizagem, o que leva muitas vezes a uma concentração do tempo exclusivamente no cuidar ou em não oportunizar o contato das crianças com atividades que possam ajudar a desenvolver competências cognitivas e socioemocionais. Isso não significa que temos que escolarizar

precocemente a criança, no sentido de ter um horário com diferentes disciplinas. A criança deve, por meio do seu processo natural de brincar, exposta a diferentes atividades e materiais previamente definidos pela equipe escolar, com base num currículo pautado em competências, ter vivências no espaço da creche e pré-escola que apoiem o seu desenvolvimento integral e a preparem para as fases posteriores de aprendizagem.

Para favorecer o aprendizado da criança também é importante a escola colocá-la como sujeito de seu desenvolvimento. Essa prática já existe e você vai conhecê-la na próxima entrevista.

Claudia Costin é Gestora Pública, com doutorado em Administração Pública e mestrado em Economia. Foi Secretária da Educação do Rio de Janeiro e ex-Diretora Global de Educação do Banco Mundial.





Cibele Racy

Uma escola onde a criança tem vez, voz e a família por perto

Na EMEI Nelson Mandela, em São Paulo, as crianças assumem papéis de gestão, opinando sobre o que vão fazer e aprender, com base no projeto pedagógico definido pelos docentes. Além disso, as famílias são envolvidas nas iniciativas, dando legitimidade ao protagonismo dos pequenos. Saiba como tudo isso é feito, nesta entrevista com a diretora Cibele Racy.

Fundação Maria Cecília – A Nelson Mandela adotou o empoderamento de seus alunos como parte de sua linha pedagógica. Quais os benefícios que essa opção pode trazer às crianças e à comunidade como um todo?

Cibele Racy – O protagonismo infantil tem sido o nosso objetivo

nesses últimos onze anos, desde que optamos por trabalhar com projetos, o que pressupõem novas relações no território escolar onde se exercite a escuta infantil, na contramão do “adultocêntrismo” que sustentou a formação da maioria dos profissionais da educação. Quem traça o percurso é a criança, seus interesses e necessidades. Criamos estratégias que nos possibilitem ouvir as crianças e pensar as práticas pedagógicas baseadas nessas expressões infantis.

Temos aprendido muito com tudo isso, como a necessidade de exercitar uma educação mais democrática em que seja possível compartilhar responsabilidades e garantir direitos.

FMCSV – Quais iniciativas são essas que vocês realizam com as crianças?

CR – Para ampliar a participação das crianças no cotidiano escolar, elaboramos alguns projetos em que a livre expressão fosse o fio condutor. Tivemos, por um período, a rádio infantil “Tem gato na tuba” em que reuniões de pauta e a apresentação, ao vivo, de um programa de rádio fossem autorais. O projeto acabou, mas as dinâmicas para realizá-lo permanecem, transformando-se em outras iniciativas do “Por um dia”: ‘Repórter por um dia’, ‘Fotógrafo por um dia’, ‘DJ por um dia’. Também temos assembleias infantis, quando são resolvidos problemas que afetam a escola e até a definição de como empregar as verbas públicas. Realizamos seminários semanalmente, oportunidade em que cada grupo de crianças é responsável por compartilhar com seus pares os conhecimentos construídos. O grande facilitador para essas trocas é realizar projetos coletivos. Os temas transversais são definidos pelo projeto político pedagógico da escola e os desdobramentos pertencem aos alunos.

FMCSV – Vocês também têm um projeto que trabalha com a gestão da escola.

CR – Sim, é o ‘Diretor da escola por um dia’, pensado para democratizar as relações para além das salas e espaços que compõem o dia a dia escolar, aproximando os alunos das rotinas didáticas e, conseqüentemente, promovendo sua autonomia frente aos problemas cotidianos da escola. Ao assumirem o cargo e suas responsabilidades, as crianças reproduzem as relações de poder que conhecem. Isto tem provocado uma verdadeira revolução educacional. Ter a oportunidade de nos reconhecer nas atitudes de nossas crianças nos obriga, diariamente, a rever conceitos e práticas. Uma das reflexões mais profundas que tivemos foi sobre a extinção dos costumeiros “ajudantes do dia” e a base autoritária com que sua atuação é desenhada. Vale ressaltar que esse projeto não se restringe às crianças. Educadores da merenda, da limpeza, professores, pais e mães, educadores de outras escolas e cidadãos estão sendo convidados a também participar.

FMCSV – A família sempre é chamada a participar das iniciativas da escola?

CR – O êxito de nossas propostas educacionais está vinculado à disponibilidade de todos em abrir portas e janelas para a atuação das famílias de diversas formas na vida escolar de seus filhos. Historicamente esta participação esta atrelada a uma relação pouco democrática, o que desestimula o compartilhamento de saberes. Na infância, desconsiderar a família

é o mesmo que rejeitar o que é mais caro para nossas crianças.

Assim como provocamos situações em que a participação das nossas crianças é indispensável, fazemos o mesmo em relação aos pais e responsáveis.

Durante os últimos anos, tivemos a felicidade de ter mães assumindo aulas de dança e yoga ou mesmo envolvidas diretamente na formação de nossos professores.

Na tentativa de legitimar essa participação, temos o projeto 'Escola de Pais' que atende a necessidades de formação contínua de todos os envolvidos

com as crianças. Enviamos pesquisas para a casa para que eles ajudem a criança a ampliar o seu repertório ou mesmo nos indiquem sua opinião sobre os temas dos projetos. A criação de perfil nas redes sociais é mais um canal de comunicação que permite essa participação.

Temos respostas positivas desse envolvimento, mas ainda há muito a ser conquistado.

Cibele Racy é graduada em Pedagogia. Foi professora e prestadora de serviços técnicos educacionais à Secretaria Municipal de Educação. Em 2004, assumiu a direção da EMEI Nelson Mandela, onde está até hoje, desenvolvendo projetos que são referência para a rede municipal.

“

Temos aprendido muito com tudo isso, como a necessidade de exercitar uma educação mais democrática em que seja possível compartilhar responsabilidades e garantir direitos.”





CONTINUE A LEITURA

Os desafios da educação infantil brasileira – *Daniel Cara*

O acesso a uma educação básica de qualidade é muito importante para todo cidadão e começa na educação infantil (creche e pré-escola).

Essa afirmação ganha cada vez mais força entre especialistas e a sociedade, mas, na prática, ainda temos muito a conquistar.

Na entrevista concedida por Daniel Cara, Coordenador Geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, à Univesp TV, ele faz um balanço dos desafios do Plano Nacional da Educação (PNE), sancionado em 2014, e no que é preciso avançar.

Vale a pena assistir à *entrevista completa* e ter clareza do quanto precisamos atuar, como cidadãos e profissionais, para que esse cenário mude. Como o próprio Daniel comenta na matéria, a educação infantil de qualidade contribui ao bom desenvolvimento da criança, que terá mais subsídios para seguir com sucesso na escola e na vida.

[QUERO VER A ENTREVISTA](#)



FUNDAÇÃO
MARIÁ CECILIA
SOUTO VIDIGAL

PELA PRIMEIRA INFÂNCIA